



## ORIENTE MÉDIO

# Dia de alívio para quatro jovens

Soldados entre 19 e 20 anos foram libertas na segunda parte do acordo de cessar-fogo firmado entre Israel e o Hamas. Duzentos detentos palestinos saíram de presídios israelenses rumo à Faixa de Gaza e à Cisjordânia

O grupo islamita Hamas libertou, ontem, mais quatro reféns israelenses, como parte do acordo de cessar-fogo na Faixa de Gaza. As soldados, com idades entre 19 e 20 anos, somam-se às três mulheres que voltaram para casa há uma semana. Em troca, Israel entregou 200 palestinos detidos, incluindo o mais antigo cativo, segundo o Clube dos Prisioneiros Palestinos. Mohamed Tous, 69 anos, pertencia ao movimento Fatah, fundado por Yasser Arafat, e estava na prisão desde 1985. Daniella Gilboa, Karina Arieiv, Liri Albag e Naama Levy, libertadas ontem, prestavam serviço militar em tarefas de vigilância perto da Faixa de Gaza quando foram sequestradas durante o ataque do Hamas, em 7 de outubro de 2023 (veja quadro). Elas foram entregues, primeiramente, à Cruz Vermelha, que, então, as transferiu para o Exército israelense.

Antes de subir nos veículos da organização não governamental (ONG), as jovens, fardadas, foram apresentadas pelo Hamas em um palco montado na Praça Palestina, na Cidade de Gaza, onde se reuniram dezenas de combatentes armados e com os rostos cobertos. No ato, interpretado como uma tentativa de demonstrar poder, uma faixa, em hebraico, destacava: “O sionismo não vencerá”. “O Hamas é um grupo terrorista assassino. Nas últimas horas, provou sua crueldade ao organizar uma cerimônia cínica”, reagiu Daniel Hagari, principal porta-voz do Exército israelense.

“Eu amo vocês, todos vocês, cidadãos do Estado de Israel que apoiaram as famílias e as reconfortaram, e vocês, soldados de Tsahal, que fizeram o máximo por nós. Muito obrigada, amo vocês”, disse Liri Albag, em um vídeo endereçado aos israelenses logo após ser solta. Pouco depois de se reunir com as famílias, as ex-reféns viajaram de helicóptero para um hospital em Petah Tikvah, perto de Tel Aviv, e tiveram sua condição declarada como estável.



Fardadas, as militares foram apresentadas em praça da Cidade de Gaza antes do retorno para casa



Multidão recebe um dos prisioneiros palestinos em Ramallah

### Festa em Tel Aviv

Na chamada Praça dos Reféns, na capital de Israel, uma multidão acompanhou a libertação das mulheres por telões gigantes. Centenas de pessoas se reuniram, como aconteceu há uma semana. Nesse local, israelenses têm pedido,

há 15 meses, pela soltura dos sequestrados.

Ontem, quando as silhuetas das soldados apareceram nas telas, houve uma explosão de alegria. As emissoras de televisão israelenses acompanharam ao vivo a libertação das quatro e o reencontro com suas famílias após 477 dias de cativo.

duas últimas crianças reféns, de uma família de origem argentina, que permanecem na Faixa de Gaza. “Israel exige o retorno (...) de Shiri Bibas e de seus filhos, cujo destino nos deixa profundamente preocupados”, afirmou o contra-almirante Daniel Hagari em uma declaração televisada, referindo-se a Kfir e Ariel Bibas, de 2 e 5 anos, sequestrados com a mãe.

### Desentendimento

A segunda rodada do acordo de cessar-fogo foi marcada por um desentendimento de última hora, impedindo que centenas de milhares de deslocados pela guerra retornassem ao norte do território palestino. Israel acusou o Hamas de descumprir o acordo, que previa a libertação, primeiramente, de todas as mulheres civis. As jovens que voltaram ontem para casa são soldados.

O retorno dos palestinos deslocados ao norte da Faixa de Gaza agora está vinculado à libertação de uma civil, Arbel Yehud. Dois dirigentes do Hamas disseram à agência de notícias France Presse (AFP) que ela está bem de saúde e sairá de Gaza na próxima troca por prisioneiros palestinos.

O Hamas tem afirmado, por meio da imprensa, que, segundo os termos do acordo, o Exército israelense deve permitir a passagem de palestinos do sul da Faixa de Gaza para o norte, através do chamado Corredor de Netzarim, um eixo leste-oeste controlado pelos militares israelenses e que divide o território em dois ao norte da cidade de Nuseirat.

Dos 200 palestinos libertados de presídios israelenses ontem, vários grupos chegaram a Ramallah, na Cisjordânia, um território ocupado por Israel, onde foram recebidos por milhares de pessoas. Outros foram transferidos para Gaza. Na lista, estão 120 condenados à prisão perpétua, dos quais 70 terão que se exilar fora dos territórios palestinos. “É um sentimento indescritível”, disse um dos ex-detentos deles pela janela do ônibus em que viajava.

Apesar das comemorações, o Exército israelense demonstrou preocupação com a situação das

### Quem são

As quatro soldados foram sequestradas juntas da base de Nahal Oz, perto do kibutz de mesmo nome, em uma ação gravada pelos agressores. Ontem, reencontraram as famílias.

#### Liri Albag, 19

Liri tinha 18 anos quando foi sequestrada. Conforme relatado pelo *The Jerusalem Post*, ela conseguiu passar mensagens para familiares por meio de reféns libertados, nas quais pediu à irmã Shai que não cancelasse a viagem habitual após o serviço militar, uma tradição israelense, e que não mexesse em seus sapatos preferidos. Segundo depoimentos, Liri foi obrigada a cozinhar, limpar e cuidar dos filhos de seus sequestradores.



#### Karina Arieiv, 20

Pouco antes do seu sequestro, Karina, então com 19 anos, estava ao telefone com seus pais, enquanto choviam foguetes e os militantes atacavam a base. O contato foi encerrado às 7h40. “Ela nos pediu que seguíssemos com nossas vidas” caso morresse, contou a irmã Sasha à revista *Time*. O vídeo do sequestro mostra que a jovem ficou ferida na ação de 7 de outubro. Em janeiro de 2024, ela apareceu em um vídeo publicado pelo Hamas na rede social Telegram.



#### Daniella Gilboa, 20

Na manhã de 7 de outubro de 2023, Daniella, então com 19 anos, estava em contato com pessoas próximas e enviava vídeos para o namorado. Graças à roupa que vestia na ocasião, ela pôde ser identificada posteriormente em vídeos do Hamas. Natural de Petah Tikva, perto de Tel Aviv, a jovem é “uma musicista apaixonada, que estuda piano e canto” e que caminhava para uma carreira musical, segundo o Fórum das Famílias.



#### Naama Levy, 20

No vídeo do seu sequestro, Naama Levy, então com 19 anos, é escotada até um veículo vestindo calças que parecem estar manchadas de sangue. Neta de sobreviventes de campos de concentração, a soldado aparece em outras imagens com o rosto inchado. Ela é a segunda de quatro filhas e praticante de triatlo. Cresceu na Índia, onde estudou em uma escola norte-americana. Quando criança, participou do programa Hands of Peace, que promove o diálogo entre jovens israelenses e palestinos.



## Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

# Trump, o atirador de pedras

Um dos artifícios mais utilizados da caixa de ferramentas da cabeça de Donald Trump é insuflar as qualidades do lado que defende, enquanto desdenha das qualidades da outra ponta da barganha. Para ele, tudo é uma barganha, um negócio de acordo com seus interesses. Para quem pensa assim, tudo na vida são transações — quem ama só dinheiro não se satisfaz com mais dinheiro — em que o “esperto” faz o que for preciso para ganhar mais do tolo. Por isso, sair da sua boca que seja lá quem for “precisa mais de nós do que nós deles” não é de se estranhar. Surpreendente seria ouvi-lo discorrer sobre a importância de seja

lá quem for para além do espelho em que se mira.

A estratégia de desdenhar das qualidades e relevância daqueles com quem se negocia, muitas vezes, surte efeito em relações de poder assimétricas. Afinal, quando os atributos totais de poder de cada parte são explícitos, ou são parte do imaginário popular, o menos poderoso se intimida.

Sendo assim, essa forma de “abuso de poder”, que permeia inclusive a relação entre países, beneficia, numa perspectiva transacional, aqueles cujas sobras de poder são maiores. Todavia, isso só ocorre porque, muitas vezes, a parte desdenhada não tem uma atitude de independência, nem se de-

dica a calcular quem depende de quem em cada situação concreta.

Por exemplo, ainda que seja correto enfatizar que as relações de comércio e investimento internacional representam oportunidades de ganhos mútuos, os números indicam que os benefícios obtidos pelos EUA em suas relações comerciais e de investimento com a América do Sul — especialmente com o Brasil — superam o que oferecem em contrapartida.

A América do Sul, em particular o Brasil, ocupa uma posição estratégica para as empresas norte-americanas, tanto no comércio quanto na rentabilidade dos investimentos, devido a uma combinação de fatores econômicos, geopolíticos e de recursos naturais.

O Brasil é o maior parceiro comercial dos Estados Unidos na América do Sul e um dos principais mercados de atuação de suas multinacionais em todo o mundo. Os dois países mantêm relações como estados soberanos há

200 anos e, ao longo desse período, estabeleceram um fluxo consistente de importações e exportações que reforça a interdependência entre as duas economias.

Nesse contexto, o desdém em relação à América do Sul, como estratégia de países centrais, apoia-se no artifício do divisionismo, uma prática que fomenta rivalidades e enfraquece a região como um bloco coeso. Essa armadilha geopolítica, infelizmente, continua a encontrar terreno fértil, como no caso da Argentina, que mais uma vez corre o risco de engolir essa isca até as entranhas ao ameaçar se desvincular do Mercosul por razões fúteis e com base em expectativas vãs.

É preciso, portanto, repensar estratégias regionais que promovam soberania econômica e inovação tecnológica. Um passo simples, mas de impacto relevante, seria no setor de transação de dados de comunicação.

O Brasil tem plenas condições

de criar um serviço nacional de comunicações nos moldes do WhatsApp, seja por meio de incentivos governamentais a empresas privadas, seja pela determinação a organizações públicas já existentes, como o Serpro ou a Dataprev. Nesse segundo caso, inclusive, a Dataprev deveria ser renomeada como Databras ou algo assim, para sinalizar a ampliação de seu escopo para abarcar múltiplas soluções tecnológicas de transação de dados.

Assim como o Pix revolucionou as transações financeiras ao oferecer um serviço instantâneo, gratuito e acessível, uma plataforma nacional de transação de dados de comunicação imediata asseguraria uma necessária soberania tecnológica na área. Isso reduziria a dependência de serviços estrangeiros envolvidos em projetos de poder que confrontam com nossa lei. Isso também garantiria maior segurança para os dados de usuários brasileiros, sejam pessoas fisi-

cas, sejam empresas, além, é claro, de possibilitar o desenvolvimento local dentro da nova economia dos dados que tanto enriquece as BigTechs.

A criação de um “WhatsApp brasileiro” é essencial para prevenir os problemas associados à dependência de plataformas estrangeiras, como a possibilidade de interrupções, violações de privacidade e de dispositivos legais, além de uma governança subordinada a outros países. Hoje, milhões de brasileiros e empresas dependem do WhatsApp para organizar suas rotinas e conduzir negócios, e a ausência ou limitação desse serviço seria altamente prejudicial. É, portanto, uma questão de segurança nacional.

Há, também, o tempo de juntar pedras e evitar o tempo de ficar longe para o abraço. Ideias do tempo de Salomão podem ensinar muito ao intempestivo Trump.

PAULO DELGADO, sociólogo